

DAS PEDRINHAS DO NOSSO QUINTAL: ÉTICA E SENSIBILIDADE METODOLÓGICA NA PESQUISA COM BEBÊS

FROM THE STONES IN OUR BACKYARD: ETHICS AND METHODOLOGICAL SENSITIVITY IN RESEARCH WITH BABIES

Fernanda Gonçalves 1
Márcia Buss-Simão 2
Eliane Santana Dias Debus 3

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina 1
(UFSC). Integrante do Grupo de Pesquisas LITERALISE: Grupo de pesquisa em
literatura Infantil e juvenil e práticas de mediação literária. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0796123253809036> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1610-8708>
E-mail: feegoncalves@gmail.com

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa 2
Catarina (UFSC), Professora do Centro de Educação da Universidade Federal
de Santa Catarina (CED/UFSC), Vice-líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas
da Educação na Pequena Infância (NUPEIN/UFSC) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6386088355020507> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6076-0640>
E-mail: marcia.buss@ufsc.br

Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade 3
Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Professora do Centro de Educação
da Universidade Federal de Santa Catarina (CED/UFSC), Líder do Grupo de
Pesquisas LITERALISE: Grupo de pesquisa em literatura Infantil e juvenil e
práticas de mediação literária. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8529733083684329>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0555-2069>
E-mail: elianedebus@hotmail.com

Resumo: O artigo apresenta reflexões e dados do percurso metodológico de uma pesquisa em nível de doutorado, realizada com um grupo de 14 bebês e suas professoras em uma instituição de educação infantil, que objetivou analisar como acontecem as relações dos bebês com os livros no contexto da creche. A estratégia metodológica adotada foi a etnografia, uma vez que suas ferramentas possibilitam uma aproximação respeitosa e sensível junto aos bebês, de modo a dar visibilidade aos seus muitos modos de se expressar. As análises tecidas buscam descrever o percurso metodológico como compromisso ético na pesquisa junto aos bebês. Procuram ainda problematizar o consentimento e o assentimento a fim de evidenciar que os bebês, mesmo os mais pequenos, são competentes e precisam ser consultados - a partir de procedimentos próprios que envolve atenção a expressões gestuais, corporais e faciais - para a permissão da pesquisa, dos registros escritos e fotográficos.

Palavras-chave: Ética na pesquisa. Etnografia. Bebês. Educação Infantil.

Abstract: The article presents reflections and data from the methodological path of research at the doctoral level, carried out with a group of 14 babies and their teachers at an early childhood education institution, which aimed to analyze how babies' relationships with books happen in the context Early Childhood Education. The methodological strategy adopted was ethnography, since its tools enable a respectful and sensitive approach to babies, in order to give visibility to their many ways of expressing themselves. The woven analyzes seek to describe the methodological path as an ethical commitment in research with babies. They also seek to problematize consent and assent in order to show that babies, even the smallest ones, are competent and need to be consulted - based on their own procedures that involve attention to gestural, body and facial expressions - for research permission, written and photographic records.

Keywords: Research ethics. Ethnography. Babies. Early Childhood Education.

A etnografia como compromisso ético na pesquisa junto aos bebês

A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. (BARROS, 2008, p. 67).

A ética na pesquisa educacional é um tema cuja importância vem se alargando e tornando-se cada vez mais necessária, haja vista que novos formatos tecnológicos alteram e impactam o que entendemos por ética (FARE; MACHADO; CARVALHO, 2014). A compreensão sobre o que seria ética na pesquisa altera-se, também, de acordo com a área do conhecimento e posicionamento epistemológico acerca das relações que envolvem os processos de pesquisa:

A problemática da ética impregna capilarmente nossa existência cotidiana com a mesma intensidade que a problemática epistêmica; eis que todas as expressões concretas de nosso existir estão sempre inelutavelmente envolvidas com uma significação conceitual e com uma apreciação valorativa. Não há como escapar, tal situação é marca constitutiva da condição humana. Em tudo que fazemos, está sempre envolvido algum saber bem como alguma valoração. Isso decorre fundamentalmente da condição de entes dotados de uma dimensão de radical subjetividade, que nos coloca diante dos objetos de nossa experiência. Do ato mais simples ao mais complexo, um equacionamento subjetivo simultaneamente conceitual e valorativo perpassa sua realização concreta. (SEVERINO, 2014, p. 199).

A sensibilidade sobre a problemática que envolve a ética na pesquisa educacional se anuncia em vários âmbitos e ganha também ressonância nos mais distintos lugares instrucionais e culturais¹. Mais especialmente, interessa-nos ressaltar aqui, estudos que se atentaram a discutir o entrelaçamento das relações da infância e da participação das crianças nos contextos da pesquisa e o desafio de incluir as vozes das crianças, não como um mero *slogan*, mas como um compromisso epistemológico, metodológico e ético (KRAMER, 2002; CHRISTENSEN; JAMES, 2005; ROCHA, 2008; CAMPOS, 2008; BARBOSA, 2014; SALGADO; MÜLLER, 2015; SARMENTO, 2015).

Os desafios éticos no contexto da pesquisa educacional se alargam ainda mais quando se trata de incluir a participação dos bebês. Nesse sentido, cabe questionar: como incluir as vozes dos bebês, já que eles ainda não falam? Como garantir uma ética mediante a recolha de dados, respeitando o direito de participação (ou não) na pesquisa? Em quais momentos eles autorizam a aproximação e a possibilidade de lançar mão dos recursos filmicos e fotográficos?

As reflexões e análises aqui apresentadas compuseram os caminhos metodológicos de uma pesquisa em nível de doutorado, que objetivou analisar como acontecem as relações dos bebês com os livros no contexto da creche. Mais especificamente, se os bebês têm acesso aos livros e quais as possibilidades interativas que este objeto cultural promove. A pesquisa de campo aconteceu em uma instituição da Rede Municipal de Florianópolis (Santa Catarina), junto a 14 bebês com idade entre 10 meses e 1 ano e 4 meses² e suas professoras, durante um período de sete meses. A fim de trazer uma escrita que se aproximasse da perspectiva dos

1 Como contribuem: Severino (2014); Fare; Machado; Carvalho (2014); Mainardes (2017).

2 No início da pesquisa os bebês tinham as seguintes idades: Alice 1 ano e 3 meses; Benjamin 11 meses; Catarina 1 ano e 4 meses; Cauê 11 meses; Emanuely 1 ano; Enzo 10 meses; Giovanna 1 ano e 4 meses; Helena 1 ano e 3 meses; Isabelli 11 meses; João 1 ano e 1 mês; Lara 10 meses; Mariah 1 ano e 2 meses; Sofia 1 ano e 3 meses; Ysis 1 ano e 3 meses.

bebês, foram elencados os procedimentos metodológicos provenientes da etnografia, uma vez que suas ferramentas possibilitam uma aproximação respeitosa e sensível junto aos bebês.

Para empreender o percurso metodológico, foi necessário um diálogo disciplinar, principalmente com os *estudos sociais da infância* e com as pesquisas situadas na área da Educação Infantil. A imersão na instituição teve por finalidade a aproximação e percepção dos modos interativos dos bebês com os livros, como um esforço de conhecermos suas relações, reações, sensações, seus sentimentos e brincadeiras, em distintos momentos, quando estávamos em contato com eles. Nessa perspectiva, assumimos como pressuposto metodológico um estudo que concebe as crianças como informantes competentes de suas vidas, lançando um olhar para seus muitos modos de ser, na sua relação com o livro e com o seu entorno social. Com um olhar sensível e respeitoso, o desejo foi o de “conhecer um ponto de vista diferente daquele que nós seríamos capazes de ver e analisar no âmbito do mundo social de pertença dos adultos” (ROCHA, 2008, p. 46).

Estabelecer intimidade de maneira respeitosa e cuidadosa com os bebês foi o maior compromisso ético que assumimos na presente pesquisa. A cada nova aproximação e laços estreitados, nosso quintal – nosso e dos bebês – “se tornava maior que o mundo”, justamente porque “o tamanho das coisas há que ser medido pelo tamanho da sua intimidade”. Assim aconteceu com a Gigi³:

Percebendo o movimento dos pequenos na horta, procuro um lugar próximo o bastante para observá-los, mas distante o suficiente para não interromper a experiência de exploração individual de cada um. É então que Gigi resolve se aproximar e brincar no canteiro da horta, que está bem ao meu lado. Minha presença no grupo ainda é relativamente nova e, apesar da minha crescente constância na sala, alguns ainda me informam os momentos em que querem minha presença mais aproximada ou afastada. E assim faz Gigi, lançando-me um convite a partir das pedrinhas da horta para uma relação mais pessoal. Ela fica completamente encantada com a textura da terra e das pedrinhas que ali estão e, a cada novo toque na textura da terra e das pedrinhas, uma expressão sorridente é declarada por ela. Aos poucos, Gigi me entrega as pedrinhas, colocando um punhadinho na palma da minha mão. Pega mais pedrinhas e me entrega novamente, repetindo a brincadeira algumas vezes. É, a partir da nossa brincadeira, que percebo que ela aceitou que eu faça parte da sua experiência naquela tarde. (Registro do Caderno de Campo, 2 de setembro de 2016)⁴.

Na pesquisa de campo é importante estabelecermos aproximações a partir do que nos informam os bebês, que lançam mão das suas muitas formas de se expressar para *assentir à nossa presença e aproximação*. Alguns bebês levaram mais tempo que outros para se aproximarem, assim foi com Gigi, que inicialmente manifestava desconforto com a presença de novos adultos na sala.

Adotar uma concepção de pesquisa *com* crianças (FERREIRA, 2010), em que são compreendidas enquanto atores sociais, assinala que elas são as melhores informantes sobre as suas experiências. É nesse movimento, que nos lançamos ao exercício de *apanhar desperdícios*⁵, no sentido de nos posicionarmos empaticamente mediante os muitos modos que os bebês têm de se comunicar e, paulatinamente, (a)colher as pedrinhas do nosso jardim.

3 Optamos pela adoção dos nomes originais das crianças, omitindo os sobrenomes e o nome da instituição a fim de contemplar a autoria e autorização nas pesquisas seguindo indicação de Kramer (2002).

4 Os Registros do Caderno de Campo são escritos em primeira pessoa do singular pois foram recolhidos pela pesquisadora Fernanda em distintos momentos em que esteve no campo pesquisado.

5 Barros (2008).

Os bebês, mesmo aqueles bem pequenos, que ainda não se expressam pela linguagem oral, são competentes nas relações que estabelecem e se comunicam por meio do corpo, anunciando seus desejos e necessidades. Nesse sentido, é importante assinalar que realizar pesquisa com os bebês é desafiador e exige um compromisso ético das pesquisadoras⁶, já que eles se comunicam utilizando todos os seus sentidos, “[...] o pesquisador tem que escutar igualmente com todos os seus sentidos, de modo que não só as palavras sejam escutadas” (SALGADO; MÜLLER, 2015, p. 117). Trata-se, portanto, de uma *etnografia sensorial*⁷, aonde procuramos, no exercício da pesquisa, usar todos os nossos sentidos, com o intuito de captar aquilo que desejam comunicar. Isso significa compreender que as “vozes” que buscamos captar têm formatos outros, talvez o de canto, de choro, de riso, de balbúcio, talvez o do corpo e, às vezes, vozes que se compõem de silêncios.

Para escutar com todos os sentidos, as pesquisadoras precisam estar atentas com um *radar ético*⁸ (BUSS-SIMÃO, 2012) ao que os bebês nos indicam na medida em que nos aproximamos. No excerto que segue, Lara e Catarina demonstram receptividades distintas: as ações de Catarina manifestam que deseja se aproximar, já a reação de Lara demarca um cuidado e cautela ainda maior na aproximação:

Procuo adentrar lentamente na sala e ser sutil em minhas ações, para entrar naquele espaço de forma mais respeitosa possível. Eu preciso me fazer presente pouco a pouco, estabelecer conexões e laços com as crianças, mas, principalmente, esperar que elas estejam confortáveis com a minha presença e, então, me aproximar mais. Sento-me próximo à estante de brinquedos e Catarina se aproxima ainda um pouco desconfiada. Eu lhe pergunto: “quer brincar Catarina?”. Ela vai até a estante de brinquedos, pega uma boneca e me entrega. Mas, na medida em que Catarina vai me acolhendo, Lara, a bebê mais nova da turma, se sente assustada com a minha presença. Seus olhos ficam cheios de lágrimas e ela procura o colo de suas professoras. (Registro do Caderno de Campo, 25 de agosto de 2016).

A *etnografia sensorial* nos convoca a lançarmos um olhar oblíquo para os bebês como seres humanos repletos de linguagens outras, que nos comunicam e nos informam pelas manifestações corporais, como o olhar marejado de Lara, uma linguagem contundente que expressa o seu desconforto com a presença de uma nova adulta em seu cotidiano.

A empatia e o exercício de nos mobilizar neste outro espectro relacional com o mundo revelou-se, durante a pesquisa de campo, como um importante elemento para se realizar pesquisa junto aos bebês, pois, se trata de um exercício de nos colocarmos no lugar das crianças, nas relações que são constituídas na *etnografia sensorial*, sem perder o lugar que ocupamos. Mostrando-se como uma possibilidade de legitimá-los enquanto participantes da investigação e, por conseguinte, “captar suas vozes” a partir dos seus muitos modos de se expressar. Assim, para validar a participação dos bebês na pesquisa, é fundamental estarmos disponíveis para captar o que é explícito e o que se guarda nas entrelinhas, o não verbalizado com a voz, mas narrado com o corpo, com o choro e com o riso e, principalmente, com os silêncios.

Nesta perspectiva, é necessário o exercício de *auscultar* os bebês, assumindo-os enquanto atores sociais que comunicam por linguagens outras e, assim alargarmos a compreensão acerca do que seria ouvir ou escutar, avançando, no sentido de ampliar o sentido semântico das palavras:

6 Por se tratar de um estudo realizado por pesquisadoras mulheres, ao nos referirmos a pesquisa que origina esse artigo, utilizaremos a palavra no feminino.

7 Salgado; Müller (2015).

8 Aprofundaremos o conceito de radar ético na sessão 2 - Consentimento e assentimento no processo de pesquisa com bebês.

[...] *auscultar* as crianças implica o sentido de reconsideração de seu espaço social, ou seja, “ouvi-las” interessa ao pesquisador e ao educador como forma de conhecer e ampliar sua compreensão sobre as culturas infantis – não só como fonte de orientação para a ação, mas sobretudo como forma de estabelecer uma permanente relação comunicativa – de diálogo intercultural – no sentido de uma relação que se dá entre sujeitos que ocupam diferentes lugares sociais. (ROCHA, 2008, p. 47).

O termo *ausculta* não é uma simples percepção ou captação auditiva, ou uma recolha de informações e dados. Significa incluir que a recepção dos indicativos das crianças passará, necessariamente, por uma interpretação e, no caso da pesquisa, a compreensão que o adulto tem sobre as “informações” captadas no processo. Ao analisar a expressão oral do outro, anunciada por meio da relação comunicativa, quando se trata dos bebês, a linguagem oral não ganha centralidade, ela está acompanhada e imbricada a outras expressões gestuais, corporais e faciais (ROCHA, 2008). Essa particularidade da *ausculta* das crianças em pesquisa revela alguns liames metodológicos. Isto é, os limites que se colocam no grau da apreensão que nós pesquisadoras/es podemos alcançar, quando nos colocamos nessa relação de *ausculta*.

A agenda de estudos e pesquisas sobre infância, concebendo as crianças enquanto atores sociais, têm reivindicado a defesa de uma perspectiva de pesquisa *com crianças*, compreendendo o uso da etnografia e das suas implicações metodológicas como um contributo profícuo no âmbito epistemológico, teórico-metodológico e ético (FERREIRA; NUNES, 2014). Com as suas ferramentas, as/os pesquisadoras/es podem dedicar-se a conhecer as crianças e seus pontos de vistas de forma sensível, colocando-as como atores sociais das suas ações. Ou seja, descrevendo as suas vidas a partir do que elas informam e não do que o adulto pressupõe.

Segundo Sarmiento (2003), o que diferencia a etnografia não é a questão do método, mas a sua perspectiva e orientação. Isso significa assumir que uma pesquisa etnográfica deve seguir um caminho investigativo de modo a empregar o método, privilegiando o diálogo com a sua orientação. E os elementos metodológicos que compõem a pesquisa etnográfica são (SARMENTO, 2003; GEERTZ, 1989):

- a) permanência prolongada no campo de pesquisa, no qual o/a pesquisador/a venha a recolher pessoalmente os dados e as informações necessárias para a investigação, por meio da observação participante e de entrevistas junto à comunidade que atua no espaço investigado;
- b) interesse e aproximação de todas as características e traços – pormenores – que compõem o cotidiano, bem como os acontecimentos que se desdobram no contexto pesquisado;
- c) interesse e aproximação das experiências e ações dos atores sociais partícipes da investigação e a interpretação de tais ações para o processo de simbolização do real;
- d) densidade nos relatos sobre os aspectos significativos da vida vivida no cotidiano estudado, recriando-o a partir de descrição minuciosa. Um esforço progressivo para estruturar os dados durante o percurso da pesquisa, como uma construção dialógica e continuamente reflexiva com as interpretações dos dados e ações dos sujeitos pesquisados;
- e) sistematização final que apresente criativamente a narração e descrição do contexto investigado, a partir de uma conceitualização teórica.

A perspectiva epistemológica e os elementos que compõem a pesquisa etnográfica possuem como pretensão apreender a vida tal como é vivida, conduzida e interpretada pelos atores sociais do contexto que a constitui: “a vida é, por definição, plural nas suas manifestações, imprevisível no seu desenvolvimento, expressa não apenas nas palavras mas também nas linguagens dos gestos e das formas, ambígua nos seus significados e múltipla nas direcções e sentidos por que se desdobra e percorre” (SARMENTO, 2003, p. 153).

Quanto ao processo de *geração de dados*, para Graue e Walsh (2003) trata-se de um processo ativo, criativo, que requer improvisação, mas, requer também, um plano e uma idealização. Inicia-se muito antes da entrada efetiva no campo, como, por exemplo, nas perguntas

que fazemos e organizamos, antes mesmo de estarmos juntos às crianças. Além das necessárias perguntas, que desenham a trajetória conferindo-lhe intencionalidade e compõem parte do planejamento do/a pesquisador/a, o conhecimento prévio do contexto pesquisado também se revela como o caminho da *geração de dados*, que antecede a entrada no campo.

Já quando se trata da entrada efetiva no campo, é necessário atentarmos para aquilo que não é imediatamente visível e que pode ser diferente daquilo que outras pessoas veriam, em determinado contexto. Por isso, o/a pesquisador/a exercita um olhar que investigue para além do *diariamente observável* (GRAUE; WALSH, 2003). Aqui reside a importância da observação sistemática e da reflexão sobre o observado. Assim, a *descrição rica em pormenores* faz-se imprescindível numa pesquisa etnográfica. Durante o processo de observação, registramos cuidadosamente o que observamos, como um exercício para enxergar o que sempre “esteve ali”, mas somente um/a pesquisador/a sensível e atento/a consegue captar:

Uma descrição rica em pormenores marca a diferença entre a investigação interpretativa e o conhecimento proveniente da experiência vivida. A natureza sistemática de uma descrição rica em pormenores inclui, entre muitas outras actividades, um enfoque explícito, decisões experimentais que procuram analisar um fenómeno sob várias perspectivas [...]. (WALSH, 2003, p. 119).

A *triangulação de dados* também foi uma estratégia adotada na pesquisa, pois, para que possamos ter distintos pontos de vista, é necessário recolher os dados por diversas perspectivas, ou seja, observar por diversos ângulos e de muitas formas (GRAUE; WALSH, 2003). Um dos elementos que planejamos previamente para a realização da pesquisa de campo foi que distintas ferramentas ou técnicas seriam adotadas: registro fílmico (com captações curtas e médias, em diferentes momentos da rotina), registro fotográfico, caderno de campo, entrevistas formais e informais e, principalmente, que os registros fossem realizados em diferentes momentos da rotina e diferentes períodos. A triangulação é apropriada para consultar diversas fontes de dados (GRAUE; WALSH, 2003).

Ao se tratar de pesquisa com bebês, o registro de imagens e as observações sistemáticas são mais do que simples registro das observações, elas contribuem para ampliar o nosso próprio olhar. Além disso as imagens fotográficas, são passíveis de inúmeras ‘leituras’, não apenas de quem as lê, mas também de quem as produz, tanto que, seguramente, outro/a pesquisador/a teria outros ângulos, outros recortes de cenas, ainda que pesquisasse a mesma temática. Neste sentido, concordamos com Novaes (2008, p. 461) que “[...] a imagem propicia a realidade representada, jamais a realidade da representação”. Na condução da pesquisa e na eleição das cenas, dos recortes e ângulos há, inevitavelmente, uma perspectiva daquele que capta a imagem, “[...] um modo de ver que está referido a situações e significações que não são diretamente próprios daquilo que está sendo fotografado e daqueles que estão sendo fotografados, mas referido à própria e peculiar inserção do fotografo no mundo social” (MARTINS, 2002, p. 223).

O cuidado ético na pesquisa é importante, tanto no uso da imagem como em todos os outros processos, haja vista que: “A captação da imagem não é algo ingênuo, pois traz consigo interpretações subjetivas que orientam aquilo que se olha, se filma ou se produz” (SCHMITT, 2014, p. 141). Para estudarmos os bebês em seus contextos, é necessário observarmos, sistematicamente, e de modo aproximado, as suas vidas nestes contextos. E, sobretudo, registrarmos as suas particularidades concretas nos pormenores (GRAUE; WALSH, 2003), a partir de um planejamento de triangulação dos dados.

Reconhecer as crianças como participantes e não meramente objetos de investigação, significa compreender que elas podem expressar, falar e relatar suas perspectivas, compartilhando suas experiências de vida e, principalmente, apreender que tal “fala” deve abarcar as expressões gestuais, corporais e faciais.

O tempo denso é um dos elementos que constituem a pesquisa etnográfica, pois firmar vínculos e uma relação mais aproximada com os participantes requer que se invista em um tempo em que as relações e interações sejam paulatinamente estabelecidas. Mas, nem sempre o tempo denso implica permanência prolongada no campo. A importância do tempo não há que ser medida pelo seu volume, mas pelo tamanho da intimidade (BARROS, 2008) que construímos. Assim, ao nos lançarmos a cada novo encontro junto aos bebês, o tempo já não era o mesmo. Os bebês nos provavam, a todo instante, que era possível nos livrar das amarras de um tempo quantificável e acolher o tempo não mensurável. E, a partir dali, “estava humanizada [para nós] essa beleza do tempo” (BARROS, 2008, p. 85) – e a relação com ele.

As relações e interações construídas na pesquisa etnográfica não podem ser balizadas por um tempo determinado, já que, ao nos colocarmos na relação com o outro, sobretudo bebês, nem sempre será suficiente a determinação de um tempo delimitado. Para elucidar a definição do que seria então a densidade nas relações constituídas no campo, a assertiva de Geertz (1989) contribui para a compreensão do papel da etnografia na pesquisa com crianças: “O objetivo é tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados” (GEERTZ, 1989, p. 20). Nesse sentido, o desafio foi o exercício de olhar os detalhes e entrelaçar densamente as pistas lançadas pelos bebês, para pensar o objetivo elencado na pesquisa.

Na busca por intensificar a relação com o tempo, imersas e envolvidas com as crianças, tramamos as relações inserindo-nos no campo com uma frequência semanal de três a quatro vezes por semana, contabilizando uma média de três a cinco horas diárias, durante os meses de julho a dezembro de 2016. Ao total, as observações em campo somaram 33 períodos (manhãs e tardes alternadas), com uma média de 216 horas de permanência na instituição. O tempo mais alongado no campo pode ser compreendido, então, a partir de uma concepção de “tempo denso” que se distingue de uma concepção de tempo linear e quantificável.

Consentimento e assentimento na pesquisa com bebês

Aprendi a gostar mais das palavras pelo que elas entoam do que pelo que elas informam. (BARROS, 2008, p. 43).

Dentre os elementos da esfera epistemológica e metodológica que exigem posicionamentos éticos, a questão de atender o princípio do *consentimento informado* e esclarecido e, principalmente, a importância de captarmos a permissão das crianças (NAZÁRIO, 2014; FERREIRA, 2010) merecem especial atenção. Quando se trata de bebês, aquilo que “entoa” é mais importante do que as palavras que informam, isto é, as expressões gestuais, corporais e faciais, enfim, os corpos dos bebês, entoam sentidos desprendidos de palavras e as/os pesquisadoras/es precisam estar disponíveis para ouvir para além do verbalizado.

Para a realização de pesquisas com seres humanos, são/estão estabelecidos protocolos formais, organizados e sistematizados pelos comitês de ética que objetivam salvaguardar a integridade daqueles que participam das pesquisas (COUTINHO, 2019) e, dentre eles, os termos de *consentimento* e o *assentimento*.

O *consentimento*, normalmente é firmando por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que objetiva certificar a concordância dos sujeitos para a participação na pesquisa. Pois, se apreendermos que a anuência dos participantes está interligada a uma série de condições, relações de poder e fatores distintos, é fundamental garantir que o processo assegure “a manifestação de modo autônomo, consciente, livre de intimidação e esclarecido” (COUTINHO, 2019, p. 62). Ademais, é importante pontuar que

[...] pesquisas que exijam o consentimento do participante geralmente não iniciem sem a formalização de um consentimento livre e esclarecido, deve-se prever tempo suficiente para explicar o que está envolvido no estudo, esgotar todas as dúvidas do participante e assegurar que

se sente seguro quanto às implicações da sua participação, inclusive que pode declinar da participação a qualquer momento. (COUTINHO, 2019, p. 62).

A prerrogativa de que cada participante pode declinar da participação, a qualquer momento, revela que o *consentimento livre e esclarecido*, durante o processo da pesquisa, deve ser perspectivado enquanto estratégia que está sempre em curso, ou seja, a participação de todos/as envolvidas/os na pesquisa pode mudar a qualquer momento no decorrer da investigação. Logo, as/os pesquisadoras/es precisam estar atentas/os a todos os sinais que emergem no decurso da investigação. Mas como garantir um *consentimento* por parte das crianças, sobretudo dos bebês, que ainda não se comunicam por meio da linguagem oral? Como garantir a ética, sem que seja uma imposição arbitrária dos adultos? Essa foi a grande preocupação que nos acompanhou durante toda a pesquisa, já que no âmbito do *consentimento livre e esclarecido*, não seria possível garantir a validação dos bebês se este se constituir somente como um trâmite burocrático.

Para Nazário (2014) ao estarmos cientes das dificuldades em atender o princípio do *consentimento livre e esclarecido* quando se trata de pesquisas com crianças na faixa etária entre 0 a 6 anos de idade, algumas ações precisam ser tomadas para acessar o *consentimento* dos representantes legais das crianças. Portanto, durante a pesquisa, a primeira ação que realizamos foi de justamente elaborar um documento que tratou do *consentimento livre e esclarecido* direcionado as/os professoras/es, pais e responsáveis pelos bebês, com uma linguagem perspectivada e direcionada àqueles que assinariam o documento. Para além do documento elaborado com clareza ética para que todas/os as/os participantes compreendessem como se desdobraria o estudo, foram necessários diálogos paralelos a fim de esclarecer qualquer dúvida sobre a pesquisa. Os procedimentos supracitados tiveram a finalidade de respeitar o estatuto social de menoridade (FERREIRA, 2010) das crianças, legitimando o direito à proteção.

Para além do *consentimento* que estabelece uma série de protocolos legais, há outro aspecto importante na pesquisa com seres humanos, trata-se do *assentimento*, que a partir da Resolução Nº 510, de 7 de abril de 2016, indica a necessidade de assegurar a anuência dos participantes da pesquisa, quando crianças, adolescentes ou sujeitos que sejam impedidos, de modo temporário, ou não, de consentir, a partir da constituição de uma relação de confiança respeitosa entre os pesquisadores e os participantes da pesquisa (BRASIL, 2016). Ou seja, o *assentimento* emerge como uma outra possibilidade de autorização, que leva em conta outras formas de compreender as manifestações daqueles que participam da pesquisa. Portanto,

Trata-se, desse modo, de autorização que tem características específicas, tendo em vista que o participante manifestará a sua concordância ou não por meios diferenciados daqueles previstos no consentimento. Assim, apresenta desafios relativos a assegurar que a autorização seja devidamente informada e voluntária, o que exige que a anuência seja precedida da explicitação da natureza da pesquisa, justificativa, objetivos, métodos e potenciais benefícios e riscos. (COUTINHO, 2019, p. 62).

A perspectiva do *assentimento*, como uma possibilidade de captarmos a autorização das/os participantes da pesquisa como manifestações de concordância voluntária por meios diferenciados, nos oferece pista para realizarmos uma pesquisa ética junto aos bebês, legitimando seus modos de participação para além de um *consentimento formal*. Isto é, no decurso da pesquisa de campo junto aos bebês, as/os pesquisadoras/es precisam lançar mão de uma série de cuidados, a fim de compreender aquilo que eles nos informam por meio das expressões gestuais, corporais e faciais.

Segundo Coutinho (2019, p. 61), *consentimento* e o *assentimento* podem ser considera-

dos correlacionados “[...] de compreensão, de negociação e de autorização dos sujeitos para participar da pesquisa”, entretanto, o primeiro está ligado a aceitação de participação por meio de documentos como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCL), documento que visa regulamentar a participação e o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas, explicitando todos os direitos, procedimentos e possíveis caminhos da investigação. Sua explicitação pode ser realizada por meio de “[...] expressão oral, escrita, língua de sinais ou de outras formas que se mostrem adequadas, devendo ser consideradas as características individuais, sociais, econômicas e culturais da pessoa ou grupo de pessoas participante da pesquisa e as abordagens metodológicas aplicadas” (BRASIL, 2016, p. 5). Quando se trata de pesquisas com crianças a anuência é firmada pelo responsável legal.

Já o *assentimento* indica que a aceitação da participação na pesquisa emerge de processos e procedimentos distintos, que levem em conta as especificidades daqueles que estão participando. Ou seja, “o assentimento implica a captação do aceite do participante mediante procedimentos diferenciados, dadas as singularidades dos sujeitos aos quais se volta, crianças, adolescentes ou pessoas impedidas de consentir” (COUTINHO, 2019, p. 62).

Para Ferreira (2010) é necessário que se reveja o conceito de *consentimento informado*, especialmente quando se trata de crianças bem pequenas. Obter o *consentimento informado* das crianças requer esforços dobrados dos pesquisadores, além de uma cuidadosa atenção e sensibilidade. Ainda assim, há uma série de problemas quanto ao reconhecimento deste *consentimento*, ou permissão das crianças, gerando a dúvida: “Será que nas pesquisas com crianças pequenas se pode falar em consentimento ou apenas de assentimento?” (FERREIRA, 2010, p. 163). Para ela, nas investigações com crianças pequenas, é apropriado discutir o *assentimento*, mais do que assumir o *consentimento informado*. Tendo em vista que as crianças podem ter uma compreensão lacunar, superficial e imprecisa sobre a pesquisa, mas, ainda assim, elas são competentes para tomar decisões, permitindo ou não a participação no curso da pesquisa.

Segundo Ferreira (2010) o *assentimento* pode ser uma possibilidade de garantir que captemos a aceitação das crianças – para participar da pesquisa – durante todo o percurso:

A obtenção do assentimento por parte das crianças, malgrado todas as faltas e falhas de informação que possam existir, depende grandemente da relação de confiança estabelecida com o(a) investigador(a), pelo que a aceitação da sua presença, além de ter de ser permanentemente activada e renegociada ao longo da pesquisa terá de ser reflectida criticamente em função da receptividade e reciprocidade e/ou rejeições que desencadeie. (FERREIRA 2010, p. 177).

Para que os bebês autorizem, no sentido de aceitar a presença do/a pesquisador/a, de modo a não ficar somente na mera formalidade realizada no início da pesquisa, é importante nos atentarmos ao *radar ético*, como indicado por Buss-Simão (2012) em diálogo com Skånfors (2009). Ou seja, é importante que o/a pesquisador/a mobilize um tipo de vigilância para se manter sensível diante das várias formas e estratégias das crianças demonstrarem o seu desejo de não participarem da pesquisa.

De acordo com Skånfors (2009) as crianças têm formas particulares de demonstrar a recusa à participação na pesquisa. Quando se trata de bebês é preciso uma atenção redobrada, pois, por vezes, a recusa se manifesta de forma muito sutil e não explícita. O episódio do campo que segue foi emblemático para compreendermos os modos particulares e específicos como os bebês demonstram que somos adultas “autorizadas” a participar de suas vidas, como podemos nos aproximar sem causar constrangimentos:

Já é quase final da tarde e Gigi parece muito incomodada, chora e caminha pela sala, seus olhos buscam uma conexão com os olhos dos adultos ali presentes, eles parecem desejosos

de informar. Gigi segue à procura de alguém que a afague e então se dirige até mim. Chorando, pega minha mão e me leva até o lado direito da sala, onde estão empilhados todos os bebês-conforto. Ela aponta para eles e balbucia, suspirando em meio ao choro. Eu pergunto para ela: “É isso que você quer, Gigi?” e mostro-lhe o bebê conforto. Ela cessa o choro e indica que sim. Eu a coloco no bebê-conforto e o choro segue. Ela começa a apontar para a estante de livros, então pergunto: “É o do Ratinho Roque que você quer?”, ela solta uma longa risada o que me “diz” que sim, confirmando com o sorriso. Quando entrego o livro na sua mão, Gigi solta várias risadas, e começa a embalar o bebê-conforto com suas próprias pernas. Após pegar embalo, ela usa as pernas como apoio para a leitura do livro. Ela seguia sorrindo e de repente cessa o riso, olha para mim e sorri expressando satisfação. (Registro do Caderno de Campo, 2 de setembro de 2016).

O registro da Gigi revela o modo como os bebês comunicam seus desejos e necessidades a partir das relações corporais por meio de expressões gestuais, corporais e faciais. Por este motivo, é importante que os adultos, ativando seu *radar ético*, se coloquem num posicionamento empático mediante aos muitos modos dos bebês *assentirem*. Na tarde do episódio relatado, a bebê Gigi estava bastante cansada e a professora regente confirmou que ela foi a primeira do grupo a chegar. Isso significa que já estava há pelo menos oito horas na creche. Seu desejo era o de descansar no bebê-conforto, o que foi confirmado quando expressou satisfação ao se embalar com o livro escolhido.

Gigi estava cansada devido à rotina, que também pode ser exaustiva para os bebês. Ela sabia o que queria (sendo bem específica nas suas indicações do livro que gostaria de ler) e viu a pesquisadora como uma adulta que poderia lhe auxiliar. Outro elemento importante a ser destacado é que, quando Gigi procura a pesquisadora para auxiliá-la com o bebê-conforto, comunica que ela é uma adulta a quem poderia recorrer quando necessário, sugerindo uma forma particular de *autorizar a presença da adulta pesquisadora*, como alguém que confia e procura no momento de desconforto.

Nosso quintal é maior que o mundo: *estar junto aos bebês*

Eu fui aparelhado

para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios.

(BARROS, 2008, p. 47).

Estar junto aos bebês foi mais importante do que qualquer outra ferramenta metodológica durante o percurso. Pois, para desenvolver esta pesquisa, foi necessário estar disponível a eles, estar junto no sentido mais literal, vivendo cotidianamente suas experiências, a partir de um exercício empático.

Alguns elementos que compõem a pesquisa junto às crianças refletem nas relações constituídas no campo e também indicam a intencionalidade dos/as pesquisadores/as. A tríade proposta por Lima (2015) indica-nos itinerários possíveis de serem trilhados na pesquisa de campo: a) olhar de perto e de dentro; b) estar-com: compor um olhar sensível que escuta os sons, as vozes; c) assumir a escrita como elemento político na pesquisa.

Em diálogo com Magnani (2002), Lima (2015) pontua que *olhar de perto e de dentro* significa a possibilidade de o/a pesquisador/a encontrar-se com as nuances que constituem o

lugar pesquisado, ou seja, as formas como os sujeitos vivenciam e organizam suas vidas. Assim, “[...] o que se propõe é um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais” (MAGNANI, 2002, p. 18).

Já o *estar-com* implica um olhar sensível do/a pesquisador/a no exercício da escuta, para captar sons e vozes. Significa ainda o necessário cuidado nos modos de aproximação que exercitamos quando realizamos pesquisa com as crianças: “A experiência de estar com, pressupõe abandonarmos algumas roupas para então conhecermos e ampliarmos a compreensão acerca das crianças, das suas vozes, dos seus espaços, das suas temporalidades” (LIMA, 2015, p. 101).

Por fim, *assumir a escrita como elemento político na pesquisa* significa apreender que as palavras habitam e ocupam lugares que, muitas vezes, não devem ser habitados ou ocupados. Por este motivo, usar a palavra do outro é algo que necessariamente precisa ser ponderado, pois “[...] ingressar em uma escrita onde a palavra é sempre dimensionada pela experiência do que fazemos, daquilo que nos afetou, a experiência daquilo que nos passa” (LIMA, 2015, p. 102). Assumir como escolha metodológica a etnografia expressa também a escolha de um modo próprio de narrar o campo, com sensibilidade mediante as suas características particulares.

Em se tratando de pesquisa com crianças, é preciso ter clareza acerca do lugar social que elas ocupam na interação com o adulto nesse contexto, uma vez que:

Na medida em que a criança não é vista apenas como um objeto a ser conhecido, mas como sujeito com um saber que deve ser reconhecido e legitimado, a relação que se estabelecer com ela, no contexto da pesquisa, começa a ser orientada e organizada a partir dessa visão. Nessa perspectiva, em vez de pesquisar *a criança*, com o intuito de melhor conhecê-la, o objetivo passa a ser pesquisar *com a criança* as experiências sociais e culturais que ela compartilha com as outras pessoas de seu ambiente, colocando-a como parceira do adulto-pesquisador, na busca de uma permanente e mais profunda compreensão da experiência humana. (SOUZA; CASTRO, 2008, p. 53, grifos no original).

Legitimar as crianças como atores sociais e de direitos significa reconhecê-las enquanto produtoras de sentido, assumindo que seus modos de comunicação e relação, por vezes, se distinguem dos adultos (FERREIRA, 2010). Com a emergência do reconhecimento da participação social das crianças, é central que o/a pesquisador/a se envolva em suas vidas e com as questões que lhe são importantes (CHRISTENSEN; JAMES, 2005).

Tal reconhecimento, no âmbito da pesquisa com bebês, exige que os/as pesquisadores/as se mostrem disponíveis, ou seja, que evidenciem por meio de uma atitude ética e sensível que desejam fazer parte das suas vidas. Cada aproximação ao grupo de bebês é particular, já que num primeiro momento alguns podem recusar a presença do/a novo/a adulto/a por meio do choro, já outros se aproximam e até ensaiam algumas brincadeiras.

Por este motivo a entrada e o tempo de permanência foram processuais. No início, o tempo era menor e foi progredindo na medida em que os bebês demonstravam que se sentiam confortáveis com a nossa presença. Gradativamente e diariamente combinado com a professora regente, o tempo junto ao grupo foi se alargando, até que passamos a frequentar a creche de três a quatro vezes por semana.

No final de todos os períodos de permanência em campo, costumávamos conversar com a professora regente acerca de suas impressões sobre a nossa presença e relações com os bebês. Planejávamos como seria o dia seguinte, desde o horário chegada, até o tempo de permanência em campo, o mesmo também acontecia no decorrer da estada em campo, quando percebíamos que o grupo estava agitado, necessitando que nosso planejamento fosse redirecionado, considerando as peculiaridades dos eventos diários. Tal movimento assinala o

respeito ético do/a pesquisador/a aos bebês (assim como às/aos adultas/os) e as especificidades que demarcam o cotidiano educativo-pedagógico junto a eles.

Procuramos entrar com muita sutileza e ir, respeitosamente, nos apresentando a cada um dos bebês, atendendo aos seus chamados e seus convites a brincadeiras, ou quando nos pediam um colo e um afago. Sorriamos e buscávamos uma conexão com cada um que se aproximava. Esse era o nosso modo de pedir autorização e *assentimento* no percurso da pesquisa aos bebês para fazer parte daquele grupo, o que requer um posicionamento ético das/os pesquisadoras/es e, mais particularmente, junto aos bebês, uma abordagem que envolva a empatia, como no excerto que segue:

Helena também se aproxima e me oferece um copo de brinquedo, queria que eu “tomasse algo”. Eu aceito de imediato e falo: “que delícia de suco Helena”. Seguimos na brincadeira de comer e tomar suco. (Registro do Caderno de Campo, 25 de agosto de 2016).

O que num primeiro olhar parece uma brincadeira “ingênua”, para um/a pesquisador/a atento/a é revelador de aceitação, acolhida e *assentimento* dos bebês. Na medida em que o/a pesquisador/a se dispõe a brincar, que valoriza as ações das crianças e se aventura a vivenciar suas experiências de vida, pactos éticos são firmados. Trata-se de pactos de vida, de quem está verdadeiramente comprometido com os bebês e suas conquistas, sobretudo, em dar visibilidade ao que eles informam.

Quanto às ferramentas de campo, como caderno de campo e celular para realizar os registros fílmicos e fotográficos, optamos por não os utilizar nos primeiros dias. Fomos inserindo-os aos poucos. Afinal, éramos uma adulta estranha, com objetos estranhos na mão. Por isso, decidimos não segurar nada na primeira semana. Somente sentar no chão, nos aproximarmos e vivermos intensamente a experiência de conhecê-los um a um. O primeiro recurso que inserimos foi o celular para registro fotográfico. Ainda que os bebês estejam acostumados a observar outros adultos com seus celulares, este não é um objeto comum no espaço da sala. Logo que o pegamos nas mãos, os bebês ficaram curiosos e queriam manipulá-lo. Quando os bebês se aproximavam, explicávamos o porquê do uso do aparelho. Alguns dos bebês se olhavam na câmera e divertiam-se com essa possibilidade. Procurávamos mostrar alguns dos registros fotográficos, explicando o porquê das fotos.

Já o caderno de campo poderia causar mais estranhamento. Por isso, nos primeiros dias em que o inserimos, ficamos pouco tempo com ele nas mãos. Os bebês costumavam ficar muito curiosos, então, explicávamos do que se tratava, mostrávamos as letras, contávamos acerca dos registros escritos. Escolhemos para caderno de campo um que fosse com páginas brancas e mais resistentes, com capa dura e espiral, para que os bebês pudessem também se aventurar em registros, construindo um caderno de campo ilustrado:

Helena e Maria sempre ficam muito curiosas com meu caderno de campo. Hoje, quando elas o avistaram em minhas mãos, logo se aproximaram. Helena e Maria sentam-se ao meu lado e ambas querem tocar o caderno. Eu, cuidadosamente, abro e mostro que naquelas páginas vou escrever, ensaiando algumas palavras. Na medida em que escrevo algumas palavras, explico: “Aqui vou escrever um montão de coisas, sobre todas as coisas que viveremos juntas na creche”. Elas gostam, demonstram que estão interessadas. Catarina faz uma expressão de “nossa!”. Helena pede para pegar a caneta na mão, eu empresto e mostro que elas podem desenhar. O caderno é de páginas brancas, sem linhas, intencionalmente pensado para que as crianças possam desenhar e me ajudar a registrar nossas experiências. Helena me olha com um grande sorriso e começa a explorar o caderno: desenha com muita

concentração. Mariah observa sentada ao lado de Helena e também quer desenhar. Faço a mediação explicando para Helena que agora é hora de Mariah desenhar um pouco, ela oferece a caneta para Mariah, que também começa a ilustrar. Foi assim, que meu caderno de campo se tornou, aos poucos, um caderno de campo ilustrado. (Registro do Caderno de Campo, 29 de agosto de 2016).

A cada bebê que se aproximava e demonstrava interesse no caderno de campo, o apresentávamos e procurávamos explicar para que servia e o oferecíamos, como no excerto com Helena e Catarina. Nosso desejo era que o grupo pudesse também compor os registros ao seu modo. Essa aproximação processual, tanto com as ferramentas de campo quanto com os bebês, era também uma forma de devolutiva respeitosa, aos que ficavam curiosos com todas as novidades que acompanhavam a nossa chegada. Causava-nos inquietação a possibilidade de não os respeitar, ou de sermos invasivas, por este motivo, fomos nos desafiando a respeitar os tempos dos meninos e meninas que compunham aquele coletivo.

Na medida em que nos deixávamos disponíveis para estar junto aos bebês, os registros escritos no caderno de campo ficavam mais difíceis. Era necessário escolher o tempo todo entre estar com as mãos no caderno ou estar com as mãos livres para os pequenos. Entre as duas escolhas, sempre optamos por estar livres e disponíveis para eles. Tal escolha é um modo de constituir uma relação de reciprocidade já que as mãos também comunicam ao outro se o respeitamos e o acolhemos.

As mãos da educadora são um exemplo de sensibilidade (TARDOS, 1992), em que pequenos detalhes atribuídos às atitudes que temos diante dos bebês revelam também o respeito que temos por eles. O que pode ser, aparentemente, irrelevante no contato diário entre adultos e bebês, oferece uma atmosfera extremamente humana: “As experiências agradáveis estabelecidas durante o tempo que passaram juntos enriquecem e diversificam as relações constituídas entre a criança e adulto” (TARDOS, 1992, p. 15 – *tradução nossa*)⁹. Manter as mãos livres e disponíveis diante dos bebês, exigiu que nos organizássemos para tomarmos notas breves durante a nossa estada no campo. Por isso, em nosso caderno de campo, *rabiscávamos escutamentos*. Assim que chegávamos em casa, todos os dias, retomávamos os registros de campo, para ampliá-los, enquanto a memória ainda estivesse vívida. O termo *escutamento* é aqui utilizado, inspirado na palavra poética de Barros, quando ele diz:

Que para ouvir as vozes do chão
Que para ouvir a fala das águas
Que para ouvir o silêncio das pedras
Que para ouvir o crescimento das árvores
E as origens do Ser [...]
Passei muitos anos a rabiscar, neste caderno, os
escutamentos [...]. (BARROS, 2015, p. 128).

Importante situar que as primeiras idas à creche foram para reuniões com a diretora e com a professora regente, com uma breve apresentação aos bebês e às demais profissionais da unidade. Todo o processo da nossa imersão no grupo foi bem planejado. Durante as nossas reuniões, a professora regente nos descreveu o grupo, contou acerca do projeto e sobre algumas organizações cotidianas. Tal organização, que antecede a entrada efetiva no campo, é fundamental para garantir um pacto ético no processo da pesquisa, bem como, para conhecermos a realidade da instituição, os pontos de vistas das profissionais que ali atuam e, sobretudo,

⁹ “Las experiencias agradables adquiridas durante el tiempo que han pasado juntos enriquecen y diversifican las relaciones del niño y el adulto” (TARDOS, 1992, p. 15).

para ponderarmos suas considerações durante o planejamento da entrada e no desenrolar da pesquisa de campo.

A utilização das ferramentas também acompanhou o exercício empático e de *assentimento* no percurso da pesquisa que nos desafiamos a realizar. Como, por exemplo, quando sentíamos que algum dos bebês não queria ser interrompido, fotografado ou, simplesmente, desejava um momento de quietude. Nestes episódios, procuramos nos afastar. Isso também não é uma tarefa fácil, buscar captar os modos comunicacionais das crianças, a partir de expressões gestuais, corporais e faciais, requer sensibilidade e uma atenção cuidadosa as particularidades, como no relato que segue:

Quando vejo o forte interesse dos bebês pela tenda, posiciono-me próxima a ela, com minhas ferramentas de campo. Cauê explora o tecido da tenda e brinca de se esconder, enrolando-se nos tecidos. Quando percebe minha proximidade, esconde-se de mim, envolto em um dos tecidos. De repente, reaparece e sorri, eu sorrio de volta, então ele se esconde novamente e aparece, brincando “de esconder” comigo. A linguagem que nos conectou nesse momento foi o olhar – o dele, me informando que queria brincar comigo, e o meu, aceitando convite. (Registro do Caderno de Campo, 14 de setembro de 2016).

Cauê mostra, com a exploração nos tecidos da tenda, que o olhar e o corpo dos bebês são formas privilegiadas de relação com seus pares e com as/os adultas/os, constituindo-se como unidades comunicacionais: “O olhar em si é uma ação, que permite a partilha e a significação do que é comunicado” (COUTINHO, 2012, p. 250). Seu olhar se faz convite a brincadeira e informa que a pesquisadora é alguém que confia e que compõe sua vida naquele espaço.

“Achadouros de infância”: algumas considerações (in)finitas

Sou hoje um caçador de achadouros de infância.

Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos.

(BARROS, 2008, p. 67).

As situações analisadas no texto apresentam importantes indicativos sobre os procedimentos metodológicos provenientes da etnografia, como estratégia metodológica, que assegura uma aproximação sensível e respeitosa na pesquisa com bebês. A perspectiva e orientação são profícuas para que realizemos um percurso de pesquisa de modo a dar visibilidade às experiências das crianças, o que requer um posicionamento empático e um exercício de nos mobilizar neste outro espectro relacional com o mundo, que demarca uma *etnografia sensorial*. Para tanto, é imprescindível que o/a pesquisador/a tenha clareza quanto aos elementos que a compõe, com aprofundamento teórico e conceitual acerca da metodologia e, principalmente, um planejamento cuidadoso que antecede a entrada no campo.

A permanência continuada no campo de pesquisa é fundamental para que se desenvolva uma pesquisa etnográfica com os bebês, já que é somente mediante uma sucessiva (e respeitosa) presença do/a pesquisador/a que as crianças autorizam e *assentem* a presença do/a novo/a adulto/a. Para organização e sistematização dos *dados gerados*, é importante garantir o princípio de densidade dos relatos, ou seja, é necessário realizar uma descrição minuciosa, rica em pormenores, a partir de uma reflexão contínua frente às interpretações dos dados. Quando se trata de bebês que ainda não falam, o não verbalizado ganha centralidade no processo de pesquisa, ou seja, é importante nos mantermos atentos as suas expressões gestuais, corporais

e faciais, pois é por meio delas que captamos os seus “pontos de vistas” e suas experiências.

As análises tecidas buscaram ainda, problematizar os conceitos de *consentimento* e *assentimento* e suas particularidades na pesquisa em grupos de bebês. Uma vez que, os bebês também precisam ser consultados, a partir de procedimentos específicos como atenção às expressões corporais, a fim de “autorizar” a presença do/a pesquisador/a e os recursos utilizados na *geração dos dados*, como os registros fílmicos e fotográficos. A perspectiva do *assentimento* mostra-se assim, como uma possibilidade, juntamente com o *radar ético*, de apreender a autorização dos bebês, já que prevê a compreensão das manifestações por meios diferenciados durante todo o processo da pesquisa. O que requer, lançar mão de uma série de cuidados no decurso da pesquisa, especialmente uma atenção ética, sensível e cuidadosa, para interpretar o que os bebês nos informam a partir do choro, do riso, do balbucio, das expressões gestuais, corporais e faciais.

Assumimos uma concepção de pesquisa que pressupõe *estar com* as crianças, a partir da compreensão de que são atores sociais e protagonistas das suas próprias vidas, portanto, os melhores informantes das suas experiências. Nesse movimento, o cuidado ético da pesquisa no uso das imagens e nos demais processos é indispensável. É preciso que respeitemos os tempos dos bebês, que busquemos seus *assentimentos*, comunicados pelos seus olhares, silêncios, sorrisos, enfim, toda forma de expressão gestual, corporal e facial que estabelecem conosco

O maior compromisso ético que assumimos nos enredos da pesquisa transcorrida foi o de respeitar os bebês como seres humanos de direitos. Um respeito que se revela pela forma de entrar em campo, de como nos aproximamos dos seus corpos e a forma como usamos as ferramentas metodológicas. Um respeito que cuida do modo e do momento de fotografar, de usar o caderno de campo, de se aproximar – ou não – de cada um deles. Esses aspectos parecem sutis, mas expressam o pacto respeitoso que o/a pesquisador/a firma com todos os participantes durante o percurso. Um respeito que não finda com o término do campo, mas que acompanha a escrita, guia o olhar e mobiliza aquele/a que escreve.

Referências

BARBOSA, M. C. S. A ética na pesquisa etnográfica com crianças: primeiras problematizações. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 235-245, jan./jun. 2014.

BARROS, M. de. **Memórias Inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 98, seção 1, 24 maio 2016.

BUSS-SIMÃO, M. **Relações sociais em um contexto de educação infantil**: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva das crianças pequenas. 2012. 312f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

CAMPOS, M. M. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças na pesquisa científica. In: CRUZ, Sílvia Helena (org.). **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, p. 35-42, 2008.

CHRISTENSEN, P.; JAMES, Alisson. **Investigação com crianças**: perspectivas e práticas. EPSEF: Porto, 2005.

COUTINHO, Â. S. Consentimento e assentimento. In: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. **Ética e pesquisa em Educação**: subsídios. Rio de Janeiro: ANPED, 2019.

FARE, M. de la; MACHADO, F. V.; CARVALHO, I. C. de M. Breve revisão sobre regulação da ética

em pesquisa: subsídios para pensar a pesquisa em educação no Brasil. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 247-283, 2014.

FERREIRA, M. M. "Ela é nossa prisioneira": questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. **Reflexão e Ação**. Volume 18, p. 151-182, 2010.

FERREIRA, M.; NUNES, Â. Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios. **Linhas Críticas**, vol. 20, núm. 41, pp 103-123, 2014.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GRAUE, M. E.; WALSH, D. **Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

KRAMER, S. Autoria e autorização: éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**. [online] n. 116, p. 41-59. 2002.

LIMA, P. de M. Infância(as), alteridade e norma: dimensões para pensar a pesquisa com crianças em contextos não institucionais. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, p. 94-106, jan./abr. 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAINARDES, J. A ética na pesquisa em educação: panorama e desafios pós-Resolução CNS nº 510/2016. **Revista Educação**, Porto Alegre, 2017.

MARTINS, J. de S. A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil. **Estudos Avançados** 16 (45), p. 223-249, 2002.

NOVAES, S. C. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. **Mana**. vol.14, n.2, pp. 455-475, 2008.

NAZÁRIO, R. **A infância das crianças pequenas no contexto de acolhimento institucional: narrativas de meninas e meninos na casa(lar)**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2014.

ROCHA, E. A. C. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Sílvia Helena (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, p. 43-51, 2008.

SALGADO, M. M.; MÜLLER, F. A participação das crianças nos estudos da infância e as possibilidades da etnografia sensorial. **Revista Currículos sem Fronteiras**, p.107-126, 2015. In: Revista Currículos sem Fronteiras, p. 31-49, 2015.

SARMENTO, Manuel Jacinto. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Maria Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Org.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, p.137-179, 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Uma agenda crítica para os estudos da criança. In: **Revista Currículos sem Fronteiras**, p. 31-49, 2015.

SCHMITT, R. V. **As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas:** contornos da ação docente. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SEVERINO, A. J. Dimensão ética da investigação científica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 199-208, 2014.

SKANFORS, L. Ethics in child research: children's agency and researchers' 'ethical radar'. **Childhoods Today**. Vol. 3 (1), p. 1-22, 2009.

SOUZA, S. J. e; CASTRO, L. R. de. Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). **A Criança fala:** a escuta da criança em pesquisas. São Paulo: Cortez, p. 52-78, 2008.

TARDOS, Anna. La mano de la educadora. In: In-fan-cia. **Revista de la asociación de maestros Rosa Sensat**. Barcelona, ene./feb., p. 14-18, 1992.

WALSH, D. Geração de dados. In: GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel (Org.). **Investigação etnográfica com crianças:** teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 155-156, 2003.

Recebido em 21 de junho de 2020.
Aceito em 15 de dezembro de 2020.